

MAQUIAVEL E “O PRINCIPE”: UMA OBRA POLÍTICO-HISTÓRICA SEMPRE ATUAL

*** José Geraldo Hemétrio**

Graduado em DIREITO pela FACULDADE DE DIREITO DO VALE DO RIO DOCE,
Graduação em LETRAS pela FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE CARATINGA,
Especialista em DIREITO PÚBLICO pela FACULDADE DE DIREITO DE SETE LAGOAS,
Especialista em DIREITO PROCESSUAL pela FACULDADE DE DIREITO DE IPATINGA,
Especialista em DIREITO PÚBLICO pela Universidade Federal de Minas Gerais.
Atualmente é PROFESSOR da FACULDADE DE DIREITO DE IPATINGA, Membro titular da Turma Recursal dos Juizados da TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE MINAS GERAIS e Juiz de Direito da Vara da Fazenda Pública da TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE MINAS GERAIS.
Tem experiência na área de Direito, com ênfase em Direito Público.

RESUMO

O presente trabalho é uma pesquisa sobre a obra de Maquiavel – *O Príncipe*-, considerada em todos os tempos como um livro polêmico, principalmente pelo fato de ter o autor procurado separar a política da ética e de ter dado relevância à conduta destituída de moral.. Procurou-se neste trabalho, dar uma dimensão mais específica da obra, situando-a no seu contexto histórico literário, isto para tentar melhor compreender o seu verdadeiro significado, muitas vezes deturpado e taxado como se se tratasse de uma obra de cunho até didático, dando-se a errônea classificação como sendo um “Tratado” sobre política. E, assim, trazendo a obra para um outro viés, principalmente quanto a sua estrutura, o seu tempo e sua mensagem, conclui-se que se trata de uma obra de literatura, mais propriamente de literatura histórica. Apesar de ter dedicado a obra a um príncipe da época, Maquiavel tão somente procurou mostrar como era o Estado, ou que se entendia como Estado na sua época. E, situando a obra no seu tempo, sabe-se que a mesma foi escrita na era renascentista, quando em voga o classicismo, gênero literário que explora a exaltação dos ideais greco-romanos, e daí a sua estrutura lingüística ter se assemelhado àquele tipo literário. O certo é que se trata de obra que mistura história e ficção, reconstruindo, à sua maneira, acontecimentos, costumes e personagens históricos. E foi isto que fez e de forma magistral, Maquiavel, retratando a realidade de sua época na forma e ótica como lhe parecia e dedicando-a a governantes que, na sua imaginação, eram tão “maquiavélicos” quanto ele próprio.

Palavras-chave: pesquisa – estrutura- história- manifestação artística- elementos reais-

1 INTRODUÇÃO

A obra *O Príncipe*, de Maquiavel, é uma daquelas que, apesar de escrita há quinhentos anos, continua suscitando comentários e discussões as mais diversas possíveis, levando alguns doutrinadores, até de renome, entenderem, inclusive, se tratar de um tratado a respeito do Estado. A verdade é que muitos confundem o livro com uma obra científica, daquelas apropriadas para se tornar um manual ou livro básico a ser seguido por professores e alunos durante o curso universitário.

A verdade, porém, é bem outra. O livro de Nicolau Maquiavel se trata, antes de tudo, que uma obra literária. Aliás, uma grande obra literária, que rompe as barreiras do tempo e do espaço, a exemplo de obras como *Don Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes, ou de *Rei Lear*, de William Shakespeare, escritas pouco tempo depois da obra do florentino. Mas, sem embargo de entendimentos contrários,- que sempre há - não se pode dizer ser um tratado sobre política, de vez que o tratado é um gênero que expõe, de forma didática, esta ou aquela teoria científica. Caso fosse classificada nos dias de hoje por revistas especializadas, que procuram classificar obras recém-lançadas em obras de ficção, não-ficção e auto-ajuda, talvez fosse taxada de ficção, podendo, por que não, encontrar-se alguém que a analisasse como obra de auto-ajuda.

Sendo uma obra literária, não propriamente um tratado, mas de relevante valor para os campos da filosofia e ciências jurídica e política, o livro é entremeado por duas formas de comunicação, a narrativa e a dissertativa, sendo este segundo estilo o mais usado, onde o autor recria situações por ele tidas como reais naquela época, e, algumas vezes, cria simbolismos referenciais, tomando por base escritores por ele lidos e estudados, entre eles Dante Alighieri e Francesco Petrarca.

E, em se tratando de trabalho literário, escrito em plena fase do classicismo, tem-se que seu autor se envereda por acontecimentos históricos, à semelhança da obra *Os Lusíadas*, de Camões, (só que escrita em versos) , onde o grande lusitano narra as conquistas de seu povo por *mares nunca dantes navegados*. E também numa espécie de obras como *A Ilíada* e *A odisséia*, ambas atribuídas ao poeta grego Homero, e dedicadas às guerras travadas contra Tróia.

Como o período histórico em que *O Príncipe* foi escrito se tratava do período da *Renascença*, onde o foco era o retorno aos tempos da antiguidade greco-romana, em muitos trechos da obra, Maquiavel constrói metáforas onde tenta comparar seus heróis (César Bórgia e Lourenço de Médicis) aos personagens daquele período havido como o da antiguidade clássica, onde predominavam os estudos das artes plásticas, como literatura, dramaturgia e se consagravam grandes estudos sobre filosofia e ciências.

Dando ao tempo uma noção diferente daqueles que imaginavam se tratar de um círculo onde a natureza era imutável e nada mais se pensava a não ser em cada qual cumprir seu destino, Maquiavel transferiu para o cenário político muitas das inovações de sua época. Entre elas, a concepção de tempo. Utilizando um jogo de simbolismos feito entre *Fortuna*, *virtù* e *ocasião*, transmitiu a mensagem de que os homens podem assumir o controle do destino, dedicando especial atenção à ligação deste fenômeno com a atuação dos homens com poder. *Fortuna* é o tempo, o destino, que pode ser subjugado pelo homem. O homem pode dominar a *Fortuna*, pode prever suas mudanças de humor e precaver-se delas. *Virtù* é a qualidade que permite ao homem tomar as rédeas de seu destino, com sabedoria e prudência. Ou seja, significa a capacidade de perceber a realidade, traçar uma estratégia de ação e adotá-la em momento oportuno. A *ocasião* é o ponto de união entre *Fortuna* e *Virtù*: o homem de *virtù* sabe apreender o momento exato para agir, ou não agir.

Com estas notas prévias a respeito do que se entende da obra de Maquiavel, tenta-se desmitificar aquela impressão de que se trata de uma obra de conteúdo científico a nível de Teoria do Estado, o mesmo se podendo dizer de obras também muito discutidas, como *O Leviatã*, de *Hobbes*, *O Contrato Social*, de *Rousseau* e *Do Espírito das Leis*, de *Montesquieu*. Em todas essas obras, seus autores nada mais fizeram, do que exporem teorias próprias, como uma espécie de proposta de Estado, que, até então, não existia tal como concebido hoje.

A exemplo do *Príncipe*, todas são obras de relevante valor para estudos e pesquisas sobre a formação do Estado, mas não se tratam de obras científicas, isto é, escritas para serem seguidas como se fossem paradigmas elaborados de maneira a

suprir “encomendas” de quem quer que fosse, já e nem para serem taxadas como compêndios escolares. De se lembrar que foram produzidas pouco tempo depois do Tratado de Westfália, marco do aparecimento concreto da noção de Estado. De qualquer maneira, a obra do florentino, segundo Bobbio, contribuiu com suas instituições geniais e inspiradoras para o conceito de Razão de Estado (doutrina que afirma que a segurança do Estado é uma exigência de tal importância que os governantes, para a garantir, são obrigados a violar normas jurídicas, morais, políticas e econômicas que considerem imperativas, quando essa necessidade não corre perigo).

2 DADOS SOBRE O AUTOR

Os biógrafos ou historiadores que escrevem sobre Maquiavel, trazem os seguintes e principais dados pessoais sobre o mesmo:

- Nome universalmente conhecido: Nicolau Maquiavel.
- Termos associados ao nome e à obra: maquiavelismo, maquiavélico.
- Época ou momento histórico: Renascença – um movimento intelectual do fim do século XV até século XVI (os primeiros 30 anos), o qual procurava voltar à Antiguidade Clássica. Ao mesmo tempo, a descoberta da América por Colombo e a da rota das Índias, por Vasco da Gama, vão revolucionar a economia mundial. É também a época da descoberta da Imprensa.
- Cidade: Florença, cidade-estado de notável desenvolvimento, mas marcada por lutas pelo poder, desestruturação social e política.
- Nascimento: Aos 15/06/1469, nasce Maquiavel, filho do advogado Bernardo Maquiavel e de Bartolomea. Registros históricos demonstram que o pequeno “Nicolò” começou seus estudos aos sete anos e aos doze já transitava pela literatura latina.
- Aos 29 anos, entra oficialmente na vida pública, como Secretário da Segunda Chancelaria da República Florentina.
- O pai era um burguês da Toscana, jurisconsulto que trabalhou como secretário encarregado da correspondência com representantes de Florença no estrangeiro.
- Maquiavel morreu em 22 de junho de 1527, aos 58 anos.

3 A VIDA DE MAQUIAVEL

Mais precisamente sobre sua formação e atividades burocráticas, revelam os historiadores os seguintes dados:

- Quando jovem, aprendeu latim com um padre e estudou história romana, tendo ainda estudado Direito, sem ter completado o curso.
- Vida de funcionário público mal-remunerado – um burocrata que executa ordens e debate-se entre mesquinhas intrigas de colegas e preocupações financeiras.
- Foi encarregado de missões no estrangeiro – França e Alemanha – mas não foi nunca um diplomata, como costumam dizer alguns de seus biógrafos.
- Aproximou-se de César Bórgia (modelo acabado de grande fera da Renascença, monstro encantador), que produziu em Maquiavel uma inesquecível impressão (Disse Maquiavel sobre César: “Esse senhor é extraordinariamente esplêndido e magnífico”)
- Em 1512, os Médicis reassumem o Poder em Florença e Maquiavel é destituído do cargo, tendo passado algum tempo preso. Contando já 43 anos, passa a viver numa modesta casa de campo perto de San Cassiano, nos arredores de Florença, onde, na companhia da esposa e 5 filhos, passa por dificuldades e escreve obras, todas elas pouco divulgadas. Sente-se cheio de rancor e de tédio. Rancor de se ver desprezado pelos novos senhores de Florença, os Médicis. Tédio de estar afastado dos negócios públicos aos quais consagrara, pelo espaço de 14 anos, toda a sua inteligência.
- Obras de Maquiavel: “A história de Florença”, “O Tratado sobre a Arte da Guerra”, “Opúsculo”¹, “Mandrágora” e “A vida de Castruccio Castracani”.

3.1. A Dedicatória do livro

Os biógrafos do autor¹ apontam ter ele, inicialmente, tentado dedicar o livro a César Bórgia. Porém, em virtude de sua queda, acabou dedicando *O Príncipe* a dois membros da dinastia Médici: Primeiramente a Juliano, em 1513 e, após a morte deste, em 1516, a Lourenço, para quem se dirige afirmando que “nesse opúsculo,

¹ CHEVALLIER, Jean-Jacques. **As Grandes Obras Políticas**- De Maquiavel a Nossos Dias. Trad. Lydia Christina., São Paulo: Livraria Agir Editora, 1980.

pretende colocar à disposição de Lourenço, o *conhecimento das ações dos grandes homens, que adquirira, seja por uma longa experiência dos negócios dos tempos modernos, seja pelo estudo assíduo da dos tempos antigos.*” E, concluindo, diz: *‘E conquanto julgue indigna esta obra da presença de Vossa Magnificência, não confio menos em que, por sua humanidade, deva ser aceita, considerado que não lhe posso fazer maior presente que lhe dar a faculdade de poder em tempo muito breve aprender tudo aquilo que, em tantos anos e à custa de tantos incômodos e perigos, hei conhecido.’*”

4 ACONTECIMENTOS QUE PRECEDEM AO LANÇAMENTO DO LIVRO

4.1 Os Principados

Maquiavel, nos primeiros quatro capítulos de sua obra, se propôs a investigar qual a essência dos principados, de quantas espécies poderiam ser, como adquiri-los, como conservá-los e qual a razão de sua perda.

Os Principados, atualmente entendidos como monarquias, opõem-se às Repúblicas, que constituem o objeto dos *Discursos* sobre Tito Lívio. Sobre os Principados, uns são hereditários, outros, novos². Estudando os principados hereditários, Maquiavel, em meio à instabilidade política da Itália de seu tempo, quase não atribui interesse a esses regimes, dizendo apenas em sua obra que “bastaria ao príncipe não ultrapassar em absoluto os limites estabelecidos pelos antepassados e contemporizar com os acontecimentos.”

As verdadeiras dificuldades, tanto para a aquisição quanto para a conservação, encontram-se nos principados novos. Entre estes, distinguem-se os que são inteiramente novos, de outros que foram agregados ao estado hereditário, como o reino de Nápoles ao de Espanha: o principado novo e o Estado hereditário formam então, em conjunto, um corpo que se pode chamar de misto. Para os problemas

² CHEVALLIER, Jean-Jacques. **As Grandes Obras Políticas**- De Maquiavel a Nossos Dias. Trad. Lydia Christina., São Paulo: Livraria Agir Editora, 1980.

criados em relação a estes, Maquiavel propõe suas soluções, construindo um pequeno código prático da anexação. Os principados eclesiásticos formam também uma categoria à parte. Enfim, deve levar-se em conta, na avaliação das dificuldades, o modo de governo: seja despótico, seja aristocrático, seja republicano, que se verifica ser o dos principados ambicionados.

Os principados estudados por Maquiavel são, em geral, criações de força. Tendo enumerado as seis faltas cometidas por Luiz XII, príncipe hereditário, em sua política italiana, no capítulo II, intitulado “Dos Principados Mistos”, Maquiavel enuncia a fria sentença: “O desejo de conquistar é sem dúvida algo de ordinário e natural e todo aquele que se entrega a tal desejo, quando possui os meios para realizá-lo, é antes louvado que censurado. Tudo se resume em ter forças suficientes, tanto para conquistar, como para conservar. A razão primeira e última da política do príncipe é o emprego dessas forças, por conseguinte, a guerra.”

5 O PRÍNCIPE

Em sua obra ora comentada - “O Príncipe”- , Nicolau Maquiavel mostra a sua preocupação em analisar acontecimentos ocorridos ao longo da história, de modo a compará-los à atualidade de seu tempo. Diz-se que o autor tinha um grande amor pela Itália e nutria por meio desse sentimento um intenso amor pela pátria despedaçada, subjugada e devastada, situação que aquele funcionário público não poderia suportar. Nos dizeres de Celso Martins Azar Filho, “é partindo fundamentalmente de sua experiência concreta, do enfrentamento cotidiano dos problemas de seu tempo e de sua comunidade – como diplomata e conselheiro dos governantes florentinos, de papas e cardeais - , que Maquiavel vai elaborar sua obra.”

“O Príncipe” consiste em uma espécie de um manual prático dado ao Príncipe Lorenzo de Médici como um presente, no qual desenvolve experiências e reflexões do autor. Maquiavel analisa a sociedade de maneira fria e calculista e não mede esforços quando trata de como obter e manter o poder. Daí, terem os pósteros consagrado o termo “maquiavelismo” como a expressão máxima da dissimulação e

da perversidade, principalmente quando, em partes da obra, usa de metáforas para comparar o príncipe ideal como uma raposa e um leão. Raposa, para conhecer as armadilhas, e leão para atemorizar os lobos.

A obra é dividida pelos estudiosos em 26 capítulos, que podem ser agregados em cinco partes, a saber:

Capítulo I a XI: análise dos diversos grupos de principados e meios de obtenção e manutenção destes;

Capítulo XII a XIV: discussão da análise militar do Estado;

Capítulo XV a XIX: estimativas sobre a conduta de um príncipe;

Capítulo XX a XXIII: conselhos de especial interesse do príncipe;

Capítulo XXIV a XXVI: reflexão sobre a conjuntura da Itália à sua época.

Na primeira parte (cap. I a XI), Maquiavel mostra, através de claros exemplos, a importância do exército, a dominação completa do novo território através de sua estadia neste; a necessidade da eliminação do inimigo que no país dominado encontrava-se e como lidar com as leis pré-existentes à sua chegada; o consentimento da prática da violência e de crueldades, de modo a obter resultados satisfatórios, onde se encaixa perfeitamente seu tão famoso postulado de que “os fins justificam os meios” como os pontos mais importantes.

Já na segunda parte (cap. XII ao XIV), reflete sobre os perigos e dificuldades que tem o Príncipe com suas tropas, compostas de forças auxiliares, mistas e nacionais, e destaca a importância da guerra para com o desenvolvimento do espírito patriótico e nacionalista que vem a unir os cidadãos de seu Estado, de forma a torná-lo forte.

Do capítulo XV ao XXIII, vê-se a necessidade de certa versatilidade que deve adotar o governante em relação ao seu modo de ser e de pensar a fim de que se adapte às circunstâncias momentâneas-“qualidades”-, em certas ocasiões, como afirma o autor, mostram-se não tão eficazes quanto “defeitos”, que, nesse caso, tornam-se próprias virtudes; da temeridade dele perante a população à afeição, como medida de precaução à revolta popular, devendo o soberano apenas evitar o ódio; da utilização da força sobreposta à lei quanto disso dependeram condições mais

favoráveis ao seu desempenho; e da sua boa imagem em face aos cidadãos e Estados estrangeiros, de modo a evitar possíveis conspirações. Ao concluir o capítulo XVII, afirma: *“Concluo, pois, que um príncipe sábio, amando os homens como eles querem e sendo por eles temido como ele quer, deve basear-se sobre o que é seu e não sobre o que é dos outros. Enfim, deve somente procurar evitar ser odiado, como foi dito³.”*

Em seguida, constata-se um questionamento das utilidades das fortalezas e outros meios em vistas fins de proteção do Príncipe; o modo em que encontrará mais serventia em pessoas que originalmente lhe apresentavam suspeitas em contrapartida às primeiras que nele depositavam confiança; como deve agir para obter confiança e maior estima entre seus súditos; a importância da boa escolha de seus ministros; e uma espécie de guia sobre o que fazer com os conselhos dados, estes, raramente úteis, quando se considera o interesse oculto de quem os dá. Ao concluir o capítulo XIX da obra, Maquiavel sentencia: *“Concluo, portanto, afirmando que a um príncipe pouco devem importar as conspirações se é amado pelo povo, mas quando este é seu inimigo e o odeia, deve temer tudo e a todos. Os Estados bem organizados e os príncipes prudentes preocuparam-se sempre em não reduzir os grandes ao desespero e satisfazer e contentar o povo, porque essa é uma das questões mais importantes que um príncipe deve ter em mente⁴.”*

Na última parte, que abrange os três capítulos finais, Maquiavel foge de sua análise propriamente “maquiavélica” na forma de um apelo à família real, de modo que esta adote providências em favor da libertação da Itália, dominada então pelos bárbaros.

Eis alguns de seus implorados rogos: *“Assim, tendo ficado como sem vida, espera a Itália aquele que lhe possa curar as feridas e ponha fim ao saque da Lombardia, aos tributos do reino de Nápolis e da Toscana e que cure as suas chagas, já há muito tempo apodrecidas. Não se deve deixar passar esta ocasião a fim de fazer com que*

³ MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. Coleção “Os Pensadores”, Trad. de Lívio Xavier. São Paulo: Abril Cultural Editora, 1973.

⁴ MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. Coleção “Os Pensadores”, Trad. de Lívio Xavier. São Paulo: Abril Cultural Editora, 1973.

a Itália, depois de tanto tempo, encontre um redentor, pois, já está fedendo, para todos, este domínio de bárbaros.”

5.1. A Apologia Maquiaveliana (ou Maquiavélica)

Inicialmente dedicado a César Bórgia, seu protetor na época faustosa de sua vida, Maquiavel aproveita seu *Opúsculo* para mostrar o perfil de seu príncipe então favorito, retratando-o como um tipo de príncipe novo, modelo de virtuosidade política, em oposição a Luiz XII, príncipe hereditário que acumula faltas.

Definitivamente, o livro de Maquiavel não nunca foi e não é recomendado para Estados constitucionalmente democráticos e sim para Estados absolutistas, como eram os da época. Trata-se de conclusão isenta de qualquer dúvida. Nos capítulos que vão de XV a XX, os quais se constituem a essência do *maquiavelismo*, Maquiavel vai traçar o retrato de corpo inteiro, de frente e em plena luz, de seu príncipe novo.

Dizia ele: “Como deve esse príncipe proceder em relação a seus súditos e seus amigos? O príncipe que quer manter-se deve, pois, aprender a não ser sempre bom, a ser ou não ser bom, “conforme as necessidades”.

E ia além na sua pregação em favor de um príncipe sabidamente tirano e desprovido de sentimentos de moralidade: “Que haveria de mais desejável do que um príncipe que reunisse todas as boas qualidades, que fosse generoso, benfazejo, compassivo, fiel à sua palavra, firme e corajoso, indulgente, casto, franco, grave e religioso? Isto, porém, é praticamente impossível, a “condição humana não o comporta.”

Recomenda Maquiavel que, para suas conquistas e para a conservação de seu principado, “boas armas, boas tropas são apenas as que pertencem ao príncipe, compostas de seus cidadãos, de seus súditos, de suas criaturas.” Não por acaso, o

Príncipe é uma obra que busca ensinar não só a conquistar, mas a manter Estados, tornando-os estáveis⁵.

Eis o que é bem claro no autor: O direito, formulação abstrata, é afastado como um intruso, perfeitamente estranho aos problemas propostos. Apresentam-se, então, quatro maneiras de conquistar: conquista-se pela própria *virtu*, ou se conquista pela fortuna (no sentido de sorte) e pelas armas alheias.

Além disso, para ser completo, Maquiavel considera também as conquistas por “perversidade”, e até as que se devem ao favor e consentimento dos concidadãos. Maquiavel interessa-se, sobretudo, pelos dois primeiros modos. A distinção entre fortuna e *virtu* lhe é cara.

Nesse contexto, os que se tornam príncipes pela própria *virtu* e pelas próprias armas, conhecem muitas dificuldades para se instalarem no principado, para nele se radicarem, mas depois, muita facilidade para conservá-lo.

O sucesso de tão árdua empresa, no dizer do florentino, “exige, pois, que o príncipe tenha os meios para constranger, que se ache em condições de empregar a força.” E sentencia maquiavelicamente, talvez se referindo a Savonarola, reformador dominicano que combatia o vício e a corrupção da época: “Todos os profetas armados venceram, os desarmados arruinaram-se.”

Para Maquiavel, os povos são naturalmente inconstantes e que, se é fácil persuadi-los de alguma coisa, é difícil fortalecê-los em tal persuasão. Portanto, é preciso dispor as coisas de tal maneira que, ao não crerem mais, seja possível obrigá-los a crer pela força.

E num arroubo extremo de apologia para a glória dos príncipes novos, ou conquistadores, Maquiavel sinaliza: “Quanto aos principados novos, conquistados com as armas alheias, isto é, pela fortuna, a regra é inversa: facilidade para

⁵ CHEVALLIER, Jean-Jacques. **As Grandes Obras Políticas**- De Maquiavel a Nossos Dias. Trad. Lydia Christina., São Paulo: Livraria Agir Editora, 1980.

conquistar, dificuldade para conservar. *Nenhuma dificuldade detém no caminho os novos príncipes, eles voam.*”

E, talvez chegando ao paroxismo de suas exaltações proselitistas na glorificação dos príncipes, afirma Maquiavel que também é possível tornar-se príncipe por meio de perversidades.

O interesse essencial do capítulo reside na moral que Maquiavel sabe tirar, acerca do bom e do mau emprego das crueldades para conservar um Estado usurpado. *Há crueldades bem praticadas e crueldades mal praticadas*, afirma ele. *As crueldades bem praticadas são as que se cometem todas ao mesmo tempo, no início do reinado, a fim de prover à segurança do novo príncipe.* Hitler massacrando simultaneamente à direita e à esquerda, em 30 de junho de 1934, pareceria aplicar este preceito⁶.

O novo príncipe, no proselitismo maquiavélico, deve determinar tranquilamente todas as crueldades que lhe é útil cometer e executá-las em conjunto, para não ter de repeti-las todos os dias, pois as crueldades, as injúrias experimentadas por menos tempo, parecem menos amargas, ofendem menos. Os benefícios, inversamente, devem suceder-se de maneira lenta e gradativa, para melhor serem saboreados.

O príncipe que quer manter-se deve, pois, segundo Maquiavel, aprender a não ser sempre bom, a ser ou não ser bom “conforme a necessidade”. Certos defeitos ou vícios podem ser necessários à conservação do Estado, e certas qualidades, pelo contrário, poderiam perdê-lo⁷.

⁶ CHEVALLIER, Jean-Jacques. **As Grandes Obras Políticas**- De Maquiavel a Nossos Dias. Trad. Lydia Christina., São Paulo: Livraria Agir Editora, 1980.

⁷ CHEVALLIER, Jean-Jacques. **As Grandes Obras Políticas**- De Maquiavel a Nossos Dias. Trad. Lydia Christina., São Paulo: Livraria Agir Editora, 1980.

6 O DESTINO DA OBRA

Afirmam seus biógrafos que Maquiavel era incapaz de imaginar, por um só instante, a repercussão que teria através dos séculos o seu pequeno volume. O efeito que se sentiu nos primeiros anos de sua aparição, foi nulo.

Lourenço de Medicis, a quem a obra fora dedicada, recebeu o livro ainda em manuscrito e não lhe dispensou atenção alguma, não esboçando a mínima reação em retribuir de alguma forma o autor.

Quatro anos após a morte de Maquiavel, em 1531, *O Príncipe* é finalmente impresso, com autorização do Papa Clemente VI. A obra, a princípio, parece inofensiva.

As edições, porém, vão multiplicar-se; muito se lerá *O Príncipe*, porém, a primeira impressão que se teve dele, se modificará profundamente após a mudança dos tempos, com o advento da Reforma Protestante.

O Cardeal-Arcebispo de Canterbury, na Inglaterra, Reginald Pole, católico, julga *O Príncipe* escrito “pela mão do demônio”.

O escritor, taxado como “indigno e celerado” é denunciado, em 1557, pelo Papa Paulo IV; é condenado pelo Concílio de Trento e colocado no **Índex** dos livros proibidos pela Igreja. Na França, é particularmente odiado como conselheiro póstumo de Catarina de Médicis (filha de Lourenço), como inspirador de sua corte, povoada de italianos “maquiavélicos”. Os termos “maquiavelismo” e “maquiavélico” datam dessa época.

Mais tarde, em 1572, na França, “O massacre de São Bartolomeu” aparece a muitos protestantes como um movimento inspirado pelos dizeres do livro e os protestantes passam a abominar Maquiavel. Igualmente os Jesuítas denunciam Maquiavel à indignação católica.

Contudo, de forma paradoxal, ocorre que os soberanos e primeiros ministros dos séculos que se seguiram, apaixonados pelo Poder, transformam *O Príncipe*, breviário do absolutismo e fazem dele o livro de cabeceira. Richelieu e Mazarino foram apontados como seguidores de Maquiavel, dizendo-se terem afirmado se tratar daquele “que pregou a razão do Estado, não por ter visto no homem senão a matéria-prima do Poder”.

Rousseau teria em sua obra, *Contrato Social*, descrito *O Príncipe* como uma criação feita por Maquiavel como uma simulação, a fim de informar e prevenir os povos, revelando-lhes os espantosos segredos do proceder dos tiranos; nada manifestaria melhor tal “intenção secreta” do que a escolha de seu “execrável herói” César Bórgia. Maquiavel teria assim, “simulando dar lições aos reis, dado grandes lições aos povos”.

As interpretações a respeito das idéias maquiavelianas e de sua mais conhecida obra mudaram tanto, a ponto de ter o Grão-Duque Leopoldo de Toscana, mandado construir em 1787, uma estátua de Maquiavel, junto ao mausoléu dedicado a Dante, Galileu e Miguelângelo, onde se gravou a seguinte frase: “nenhum elogio à altura de tal nome⁸”

Os séculos que se seguiram mostraram novos governantes que teriam seguido os ‘conselhos’ de Maquiavel. Napoleão Bonaparte, no século XIX, foi apontado como a “realização mais perfeita do príncipe, segundo Maquiavel”.

Também Napoleão II, sobrinho do imperador e que também governou a França, foi descrito pelo escritor Victor Hugo, como aquele que “só lia um livro: *O Príncipe*.”

Igualmente no século XX, Maquiavel não deixou de encontrar seguidores. Mussolini na Itália Hitler na Alemanha e Stálin na Rússia, são apontados como tendo como livro de cabeceira, a obra do florentino, pronta a dar rumos a alguma incerteza dos propósitos desses governantes.

⁸ CHEVALLIER, Jean-Jacques. **As Grandes Obras Políticas**- De Maquiavel a Nossos Dias. Trad. Lydia Christina., São Paulo: Livraria Agir Editora, 1980.

O certo é que, por ter o estilo e o pensamento de Maquiavel realçado tão cruelmente o problema das relações entre a política e a moral e pregado uma cisão entre eles, *O Príncipe* atormentou a humanidade durante quatro séculos e continuará a atormentá-la, senão eternamente⁹.

7 CONCLUSÃO

De tudo quanto se disse a respeito de Maquiavel e de sua obra, uma coisa é certa: não há de se lhe negar o valor que legou como obra histórica relacionada ao Estado. Mesmo que se tenha a obra como palco o auge do período renascentista, é certo que seu alcance e sua compreensão não se limitaram àquele período literário, em muito ultrapassando as fronteiras então entendidas como obras literárias localizadas.

Seu livro não se trata de uma “Teoria” sobre o Estado, como muitos pretendem assim ver, principalmente se comparado às obras de Rousseau e Montesquieu. Por outro lado, não se assemelha ao Dom Quixote de La Mancha, de Cervantes e nem aos Lusíadas, de Camões, ou à Odisséia, de Homero, apesar de terem com essas obras a semelhança quanto à exaltação a algum valor ou a algum personagem, o que se trata apenas de inspiração sobre um gênero literário. Nem mesmo pode ter relação com a literatura de Petrarca ou de Dante, autores por quem Maquiavel nutria, sem esconder, grande admiração. O que se tem de mais singular na obra é que Maquiavel tratou de escrever sobre o que era o Estado, naquela específica época, época do Renascentismo¹⁰. Não o Estado por ele idealizado, mas o Estado real. O Príncipe por Maquiavel criado se preocupa mais em exaltar o que se entende por “Razão de Estado”, e não propriamente pelo próprio Estado. O se dizer tratar-se de uma obra política, é justamente por se referir ela ao que o autor entendia por “Estado”, termo do qual se tornou criador.

⁹ PINZANI, Alessandro. **Maquiavel e O Príncipe**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2004.

¹⁰ PISIER, Evelyne. **História das Idéias Políticas**. Trad. de Maria Alice Antônio. São Paulo: Manole, 2004

Os séculos que se seguiram ao lançamento do livro, mostraram novos governantes que teriam seguido os ‘conselhos’ de Maquiavel. Napoleão Bonaparte, no século XIX, foi apontado como a “realização mais perfeita do príncipe”, segundo Maquiavel. O mesmo se diga quanto a personagens mais recentes da história, isto já no século XX, quando Maquiavel não deixou de encontrar seguidores. Mussolini na Itália Hitler na Alemanha e Stálin na Rússia, são apontados como por tais políticos como livro de cabeceira, a obra do florentino, pronta a dar rumos a alguma incerteza dos propósitos desses governantes¹¹.

Outro signo a valorar a obra é aquele relacionado à difusão da palavra *Estado*. Deveu-se ao *Príncipe* e a seu autor, a primeira noção de Estado como poder central soberano. *O Príncipe* teve por fim se apresentar como uma técnica de governo, vendo-se sempre seu conteúdo se voltar para a interrogação do autor sobre que conduta deveria adotar aquele que tem como projeto instaurar ou restaurar um principado duradouro, forte, honrado e feliz¹².

E o significado de *O Príncipe* tem outra amplitude: trata-se, sobretudo, de mostrar que, se se quer o poder em um Estado, é preciso querer a onipotência e que esta exige não apenas um ato de fundação absoluta, como também uma resolução que não admite fraqueza.

É obra difícil de se ler, não há dúvida. Mas nem por isso deixa de ser instigante conhecê-la, e é isto o que se espera de tantos quantos militam no Direito, seja no seu estudo, seja na sua aplicação. Afinal, está-se também diante de um monumento histórico que deu origem à ciência política.

REFERÊNCIAS

AZAR FILHO, Celso Martins. Maquiavel, Niccolò, in **Dicionário de Filosofia do Direito**, coord. Vicente de Paulo Barreto. Rio de Janeiro: Renovar Ed.,2006

¹¹ SKINNER, Quentin. **Maquiavel**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

¹² SOARES, Mário Lúcio Quintão. **Teoria do Estado**- Introdução. Belo Horizonte: Del Rey, 2004

BOBBIO, Norberto. **Dicionário de Política**. Tradução de João Ferreira. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2. Ed., p. 1066.

CHEVALLIER, Jean-Jacques. **As Grandes Obras Políticas**- De Maquiavel a Nossos Dias. Trad. Lydia Christina, São Paulo: Livraria Agir Editora, 1980.

COSTA, Nelson Nery. **Ciência Política**. Rio de Janeiro: Forense, 2. Ed., 2006.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. Coleção “Os Pensadores”, Trad. de Lívio Xavier. São Paulo: Abril Cultural Editora, 1973.

MORRIS, Clarence (org). **Os Grandes Filósofos do Direito**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PINZANI, Alessandro. **Maquiavel e O Príncipe**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2004.

PISIER, Evelyne. **História das Idéias Políticas**. Trad. de Maria Alice Antônio. São Paulo: Manole, 2004

RUSSEL, Bertrand. **História do Pensamento Ocidental**. Trad. De Laura Alves e Aurélio Ribeiro. São Paulo: Ediouro Publicações, 6.ed.

SKINNER, Quentin. **Maquiavel**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

SOARES, Mário Lúcio Quintão. **Teoria do Estado**- Introdução. Belo Horizonte: Del Rey, 2004

¹ Tal obra é, na verdade, a mais conhecida do autor, que passaria, depois, a se chamar “De Principatibus” e, finalmente, Il Príncipe.